

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, AGOSTO/2009 - ANO XII - Nº 151

Foto Idelmo Reis

EDITORIAL

As deprimentes cenas apresentadas ao vivo pela TV Senado e veiculadas pelos meios de comunicação do país, nas primeiras semanas de agosto, expuseram o fundo do poço a que chegou a política nacional.

Palavras de baixo calão, ameaças e intimidações foram proferidas por senadores da república quando cobrada do presidente do Senado a responsabilidade sobre as várias irregularidades a ele atribuídas. Vociferavam uns contra os outros apontando uma lista de acusações e atos ilícitos praticados por titulares daquela Casa. O espetáculo degradante em que se transformou a sessão, promovido por uma “tropa de choque” formada para defender o indefensável, causou espanto e indignação, principalmente devido à truculência. Os mais altos “dignatários” da república conseguiram descer ao mais baixo que se possa imaginar.

Há muito a sociedade vem cobrando moralidade e ética na política. A crise que atinge o Senado brasileiro e que se estende para outras Câmaras não é nova: vem sendo construída há anos. Políticos considerados éticos, guardiões de nossas maiores aspirações, e que deveriam trabalhar pelo país, atolam-se num lamaçal de sucessivos escândalos. A utilização da máquina pública em interesse próprio extravasa os muros do Senado e atinge a totalidade das instituições republicanas. Do planalto espalha-se por todo o Brasil. Como erva daninha, o mau-caratismo, a desfaçatez, a falta de vergonha e a ladroagem atingem os estados e chegam às pequenas cidades. O uso indevido de verbas públicas é uma constante e a rapinagem ocorre em todos os setores. Com esses recentes escândalos, o Senado perdeu de vez a credibilidade. Para espanto da população, denúncias protocoladas na Comissão de Ética, que deveriam ser apuradas, são sumariamente arquivadas.

Nos últimos tempos, a corrupção vem monopolizando a atenção da mídia e de toda sociedade. O desgaste das instituições chegou ao limite. A corrupção dificulta as reformas políticas e estimula um comportamento passivo da sociedade, consolidando a idéia de que políticos são todos iguais, de que o sistema está ruim e não tem jeito. No entanto, diversos segmentos da sociedade como OAB, CNBB e ABI, e ONGs como a Transparência Brasil, estão se mobilizando contra a corrupção e pela ética na política. É preciso que toda a sociedade se mobilize. É preciso passar o país a limpo.



Piquete precisa debruçar-se sobre seu patrimônio cultural, num trabalho de resgate e valorização, com os olhos voltados para o turismo. Na foto, apresentação do Jongo de Piquete no Festival Nacional de Folclore da cidade de Olímpia/SP, em 15 agosto de 2009.

Folclore e turismo

O Brasil comemora em 22 de agosto o Dia do Folclore. A data foi criada em 1965 por meio de um decreto federal. No estado de São Paulo, um decreto estadual ampliou sua importância instituindo agosto como o mês do folclore.

Folclore é o conjunto de todas as tradições, lendas e crenças de um país. Pode ser percebido na alimentação, na linguagem, no artesanato, na religiosidade e vestimentas de uma nação. Segundo a Carta do Folclore Brasileiro, aprovada pelo I Congresso Brasileiro de Folclore, em 1951, “constituem fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular ou pela imitação”. O folclore é o modo que um povo tem para compreender o mundo em que vive. Conhecendo o folclore de um país, podemos compreender o seu povo. Conhecemos, assim, parte de sua história.

O folclore brasileiro, um dos mais ricos do mundo, formou-se ao longo dos anos, principalmente com contribuições de índios, brancos e negros. A rica diversidade atrai número cada vez maior de visitantes, curiosos por conhecê-lo. Essa curiosidade alimenta a indústria do turismo, responsável por geração de renda. Apesar da enorme importância econômica que o turismo representa para os países, ele deve ser encarado principalmente como meio importante e eficaz de preservar o patrimônio cultural, histórico e paisagístico. Daí valorizar-se as diferentes manifestações folclóricas, o que, indiretamente, significa investir no turismo.

Constata-se que todos os meios publicitários de divulgação do turismo

utilizam alguma manifestação folclórica. Não existe turista que não inclua ao menos a gastronomia ou o artesanato entre os critérios que o levaram a decidir pela escolha de um determinado destino de viagem. A riqueza cultural brasileira é, cada vez mais, um bom negócio. De norte a sul do país, temos alto potencial para o desenvolvimento do turismo voltado para o folclore. Exemplo bem sucedido deste tipo de investimento, e que dá bons resultados, é a cidade de Olímpia, a 434km de São Paulo. Durante todo o ano, um calendário pontua diferentes festas e eventos folclóricos no município. A cidade é considerada a Capital do Folclore, título devido, em grande parte, ao Festival anual, que tem como finalidades manter as tradições e incentivar festas cíclicas em que as vivências religiosas, culturais e sociais se concretizam entre as comunidades tradicionais. A 45ª edição desse Festival, realizada este ano entre 8 e 16 de agosto, atraiu mais de 80 grupos de treze estados brasileiros. Constaram da programação peregrinação folclórica, seminários, campeonatos de malha e truco, gincana de brinquedos tradicionais infantis, oficinas de folclorância, mostras de artesanato, música, dança, culinária tradicional etc.

O festival tem o objetivo de difundir o folclore e contribuir para sua preservação, estreitando as atividades de grupos de vários pontos do país, proporcionando oportunidades de estudo, apreciação de manifestações e o fortalecimento da consciência e unidade nacionais. O Jongo de Piquete, patrimônio do Sudeste brasileiro, participou do evento.

Imagem - Memória

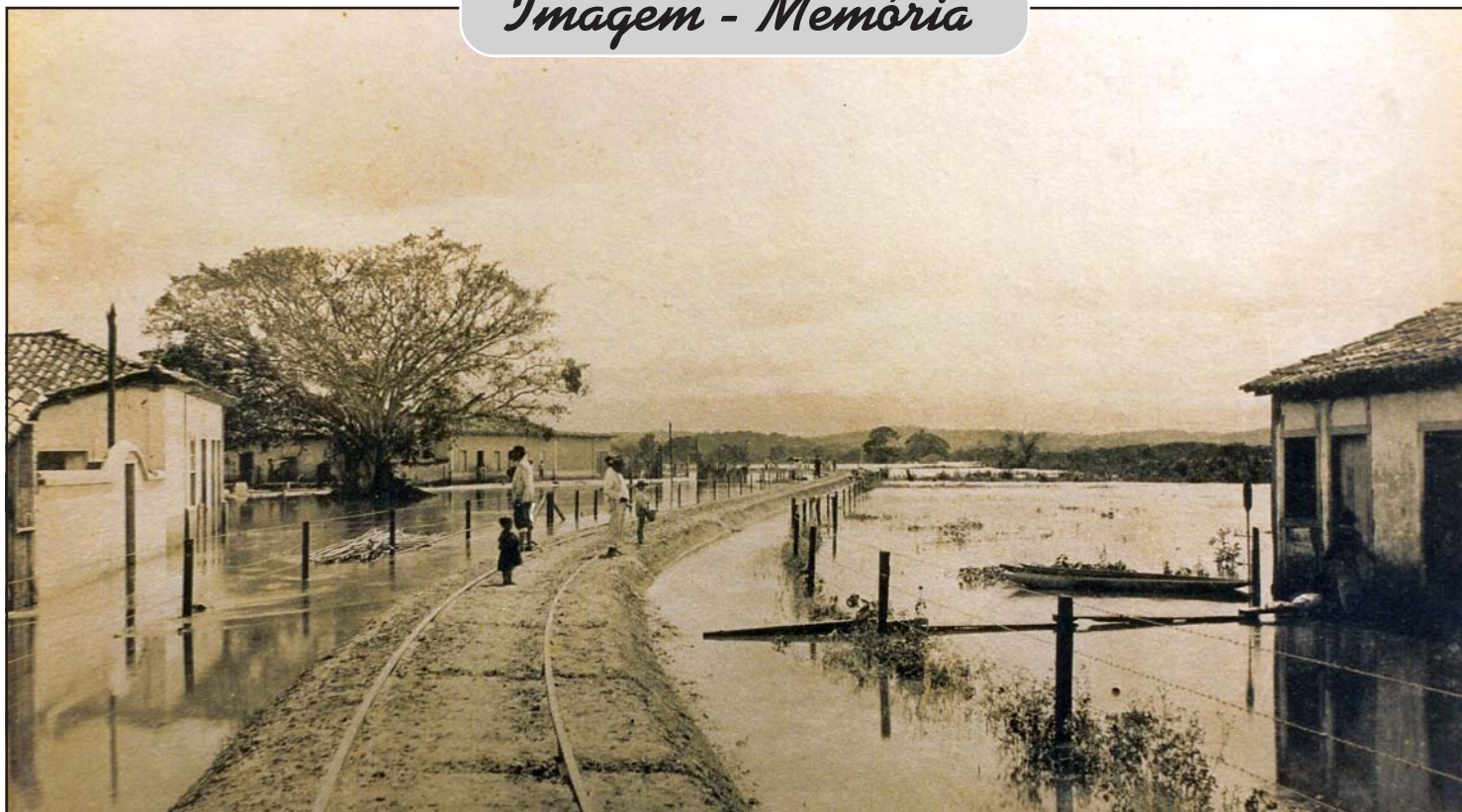


Foto arquivo Pro-Memória

No curto período em que residiu em Lorena (1902-1903), Euclides da Cunha revisou “Os Sertões”, que se tornou marco da literatura brasileira. Visitou Piquete algumas vezes para vistoriar obras públicas, uma vez que era o engenheiro chefe do 2º Distrito de Obras do Estado de São Paulo. Na foto, aterro por onde passava o ramal férreo Lorena-Bemfica inundado pelas águas do Paraíba do Sul.

Euclides da Cunha na Vila Vieira do Piquete

No centenário de sua morte ocorrida a 15 de agosto de 1909, o célebre autor de “Os Sertões”, Euclides Pimenta da Cunha, tem sua obra discutida e revista em escolas, centros culturais e encontros, por todo o país. Os 100 anos de sua morte incentivaram o mercado editorial a lançar títulos ou reeditar suas obras, de modo que este ano as letras nacionais se voltam para esse gênio da literatura que abriu os olhos do Brasil para o interior e suas mazelas.

Com o Vale do Paraíba, Euclides da Cunha manteve, por dois anos, estreitos vincos de trabalho e amizade. Residiu em Lorena, para onde veio transferido como Engenheiro Chefe do 2º Distrito de Obras do Estado de São Paulo. Dois de seus filhos foram matriculados no tradicional Colégio São Joaquim. Esse colégio salesiano mantém uma sala que ostenta seu nome, onde estão reunidos manuscritos, relatórios, cartas, mapas, croquis, fotografias, artigos, edições originais e exemplares de toda sua obra. Apesar da curta permanência em Lorena (1902-1903), esta teve significativa importância em sua vida. Foi em Lorena que Euclides da Cunha, apesar de muito trabalho, corrigiu e revisou os originais de Os Sertões. Lá, recebeu o primeiro exemplar da sua obra máxima e a consagração nacional: os Sertões, lançado em 1902, e que fez estrondoso sucesso, assegurando ao seu autor o ingresso na Academia Brasileira de Letras e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O livro era, ao mesmo tempo, uma crônica sobre a guerra de Canudos, uma crítica histórica sobre a formação do caráter nacional e uma denúncia sobre o descaso e a violência da elite contra boa parte do povo

brasileiro. Foi a partir de Lorena que ele viajou por todo o Vale do Paraíba construindo estradas, vistoriando pontes, levantando prédios para grupos escolares e cadeias, elaborando relatórios, orientando as Câmaras e Intendências.

Logo nos primeiros meses de Vale do Paraíba, Euclides travou relacionamento com a Vila Vieira do Piquete: foi após a histórica visita do Marechal Mallet à região e o início das obras militares. Atendendo a um pedido do Ministro da Guerra ao governo paulista, Euclides elaborou estudos para reforçar a ponte de ferro sobre o Paraíba e um novo aterro na várzea desse rio, por onde passaria o ramal férreo Lorena-Bemfica. A Vila do Piquete que Euclides da Cunha conheceu era bem humilde, com pequeno número de casas. Uma única rua margeando o rio e outras disseminadas pelas encostas próximas à antiga Matriz de São Miguel. Por não haver via férrea, sempre vinha a cavalo, hospedando-se no Hotel das Palmeiras, do Cel. José Mariano. Entre as obras na região, orientou e fiscalizou o restauro de uma ponte de madeira sobre o Ronco, rio próximo à antiga Estação Cel. Barreiros e limite entre os municípios de Piquete e Lorena. A ponte em questão tinha importância por ser passagem insubstituível no caminho para Minas.

Em 27 de janeiro de 1903, a Câmara Municipal de Piquete oficiou ao governo estadual solicitando Rs 8:000\$000 para consertos de cinco pontilhões em seus caminhos. Euclides da Cunha veio a Piquete e constatou que necessitavam de reparos apenas três pontilhões: um na saída para Lorena e dois no caminho para a Vila de

Cruzeiro. Foram, liberados, então, apenas Rs 5:000\$000.

No período em que supervisionou a região, foram muitos os pedidos do Intendente Municipal, José Inocêncio Alvim Bittencourt, pleiteando melhorias na estrada de Minas, que estava sempre em petição de miséria. Euclides, por diversas vezes, esteve em Piquete, acompanhado de João Monte Claro, que com ele trabalhou, para inspecionar essa estrada. Outras vezes, com o engenheiro Euclides Rosa, hospedando-se na Fazenda da Barra, que, por essa época, pertencia ao capitão Antônio Pereira da Rosa. Apesar da boa recepção do Intendente e de políticos locais, nem sempre podia atender a municipalidade.

Neste mês de agosto, o Brasil celebra o legado de Euclides da Cunha. Todas essas homenagens ressaltam sua perenidade na memória nacional. Os piquetenses têm bons motivos para seguir o exemplo.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Bel dos Correios

Serviço essencial aos municípios cuja eficiência beneficia a comunidade é o oferecido pelos Correios. Em Piquete, esse serviço não deixa nada a desejar. Há 27 anos à frente dessa atividade, com o cargo de Gerente de Agência, encontramos Isabel Aparecida de Moraes Santos.

Nascida em Piquete a 27 de fevereiro de 1958, na Vila Cristiana, é filha do casal José Pereira e Júlia Maciel de Moraes. Foi criada no bairro da Caixa D'água, onde preserva muitos amigos. Em função de seu trabalho, tornou-se conhecida em toda a cidade. Estudou no Jardim da Infância do grupo escolar Antônio João, onde foi aluna de D. Milita. Nesse mesmo Grupo, cursou o primário, tendo sido aluna das professoras Yolanda Luz, Neide Simas e Eunice Fernandes (terceira e quarta séries). No Ginásio Industrial da FPV estudava pela manhã; à tarde frequentava o profissionalizante. Diplomou-se em Corte e Costura, curso ministrado pelas professoras Iracema Silva e Luíza Chagas. Cursou a Escola Normal da FPV, e após sua conclusão, Secretariado no colégio estadual Guimarães Rosa. Em 1980, prestou, em São Paulo, concurso para os Correios. Aprovada, foi admitida como Atendente Comercial em 22 de dezembro de 1982. Quatro meses após a admissão passou para o cargo de Gerente de Agência.

A agência dos Correios de Piquete funcionou à rua Comendador Custódio até 2003, quando, devido às necessidades de infraestrutura, foi transferida para a Cel. Luiz Relvas, onde conta, atualmente, com dois atendentes comerciais e cinco carteiros. Isabel conta-nos sobre a grande transformação por que passaram os Correios nos últimos dez anos: os telegramas agora são enviados pela Internet; os serviços prestados vão desde a emissão de documentos, como CPF – essencial para o desenvolvimento da cidadania –, até o pagamento de contas e serviços bancários: “Aqui em Piquete, onde a agência é considerada de médio porte, fazemos mais de 4mil transações bancárias por mês!”. Apesar da facilidade dos emails, “recebemos mais de 4mil correspondências por dia; destas, mais de mil são cartas. Os documentos registrados, SEDEX e encomendas chegam a 60 por dia”. Para maior eficiência do serviço



prestado, o município é dividido em distritos: “Em Piquete, temos quatro distritos; cada carteiro atende a um deles, com o objetivo de entregar cerca de 800 correspondências por dias. Para o distrito mais distante, o serviço é motorizado.” De acordo com Bel, o serviço aumenta em períodos de eleições e nas festas de fim de ano: “Chega a triplicar!”. Bel orgulha-se de relatar o programa de Natal que atende às diversas cartas enviadas por crianças para o Papai Noel. Os Correios mantêm um grupo de “padrinhos” que atende a alguns desses pedidos. “A alegria das crianças é contagiante!”. Cita, também, aqueles que, alegando problemas visuais, pedem para subscrever cartas ou endereços – “É emocionante...”

Ainda adolescente, Bel perdeu os pais. Ela e o irmão mais velho tornaram-se, então, os responsáveis pelos outros cinco irmãos. Em 1983, conheceu Luiz Carlos Santos, com quem se casou em 1986. Dessa união nasceram dois filhos.

Bel do Correio se diz muito bem tratada pela comunidade. Elogia também a população de Piquete: “é muito fácil de se lidar com ela”.

Nestes tempos de velocidade nas comunicações, em que o acesso ao outro lado do mundo é instantâneo, por meio dos computadores, os selos ainda são essenciais... Pra quem os for utilizar, além de ter suas correspondências devidamente enviadas, encontrará, por parte da Bel e de seus companheiros o que jamais encontrará nas máquinas modernas: carinho e atenção. E isso, não há velocidade que substitua!



Notas

✓ Aconteceu no dia 16 de agosto, em Lorena, no auditório São Joaquim, a solenidade de instalação da Academia de Letras de Lorena.

A diplomação dos membros fundadores, que elegeram como patrono o escritor Euclides da Cunha, contou com a presença da escritora Ruth Guimarães, da Academia Paulista de Letras, a qual homenageou os colegas com um breve, mas bem elaborado discurso. Na ocasião, o professor Márcio José Lauria, presidente do Conselho Euclidian, de São José do Rio Pardo, falou sobre “Os valores morais na obra de Euclides da Cunha”.

O evento, que lotou o auditório do colégio em que estudaram os filhos de Euclides da Cunha, foi abrilhantado por um chá, que antecedeu a cerimônia, e pelas apresentações do Coral Maria de Nazaré e da dupla formada pelos irmãos Davi e Milena Coura Borges.

Parabéns aos 25 membros fundadores da Academia Lorenense de Letras: Adilson Roberto Gonçalves, André Alves Prado, Ângela Maria Barreto, Caio de Andrade, Carlos Edson Chagas, Conceição Fenille Molinaro, Daniel Munduruku, D. Benedito Beni dos Santos, Ércio Molinari, Francisco Soderio Toledo, Hugo Di Domênico, Humberto Felipe da Silva, João Bosco Pereira de Oliveira, José Luiz de Miranda Alves, José Paulo Ribeiro, Maria Luíza Reis Pereira Baptista, Pe. Mário Bonatti, Myrthes Mazza Masiero, Nelson Pesciotta, Olavo Rubens Leonel Ferreira, Olga de Sá, Paulo Sérgio Viana, Pedro Alberto de Oliveira, Regina Rousseau e Wanderley Gomes Sardinha.

✓ No dia 14 de agosto, voltou a se reunir em Piquete, na Câmara Municipal, o Conselho de Segurança (CONSEG). Na ocasião, foram apresentadas as atividades previstas pelo Conselho e a posse dos novos integrantes. Houve, ainda, apresentação de uma palestra sobre Cidadania pela arquiteta Teca Gouvêa, e um depoimento por Sabará sobre a experiência do trabalho com crianças.

✓ A direção do “O Estafeta” recebeu ofício da Polícia Militar do Estado de São Paulo comunicando a posse do Capitão Marcos Antônio de Oliveira como Comandante da 1ª Companhia de Polícia Militar do 23º Batalhão de PM do Interior, que engloba os municípios de Lorena, Cachoeira Paulista, Piquete e Canas.

A Fundação Christiano Rosa e “O Estafeta” parabenizam o Capitão Marcos e desejam-lhe sucesso no cargo que representa grande desafio profissional.

Imagem como conceito

Grandes ensinamentos da História estão contidos nas fotos

A fotografia não é imagem congelada, como somos induzidos a pensar pelo ato gerado na fixação do flagrante instantâneo.

Ela é, sim, registro de uma ação dinâmica em seu instante fugidio, possível de ser resgatado. No cinema, a fotografia, sendo série sequencial, sugere ação continuada até o desfecho previsto pelo roteiro. Na lógica da ordem baseada no imaginário do conteúdo narrativo, flagra. Representa a técnica usada na tentativa do convencimento do espectador, o qual, em função estática, a recebe ingenuamente, ou em função crítica, a coloca em discussão.

Por sua vez, as fotografias relacionadas aos eventos históricos são feitas para conduzir o pensamento centrado na ideologia que as gerou. São mensagens visuais codificadas para receber, ou a atenção complacente das complicitades, ou despertar as análises isentas de interpretação pré-determinadas. Portanto, vistas no contexto em que foram concebidas para permitir a crítica dos processos nos quais foram produzidas indutivamente. Nesse caso, os caminhos analíticos integram-se a conceitos, sejam eles sociais ou econômicos, ou políticos, mas, cujo embasamento científico torna-se necessário para entender o lema e o tema de que são portadoras. É o que chamamos reconhecimento do conceito na imagem retida e transformada em ícone para os álbuns, os memoriais e reproduções de toda ordem, impressas, reais ou virtuais e, ainda, nas fórmulas gráficas com estética apropriada.

De outro lado, cabe lembrar que há um modo de ver puramente contemplativo e nostálgico pelos que, mesmo não suficientemente alfabetizados ou informados,

reconhecem nelas o imaginário consolidado. Recebem tratamento apologético nas exposições dirigidas. Nestas, em êxtase, ou em jocosidades centradas no pitoresco entre os espectadores, as comunidades se reco-

Memorial Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves: o alinhamento dos militares e dos operários permite “ler” a concepção militar do comando e a obediência. Mais próximo do popularizado lema do “manda quem pode e obedece quem tem juízo”. No prédio, nas entradas, a mensagem positivista da ordem e do progresso.

Quando o grupo se horizontaliza apenas pelos operários, a verticalização é denunciada pela diferença entre funcionários burocratas calçados e operários fabris, em geral, descalços. Há grupos de operários com a presença de adolescentes ao lado de adultos. São fotografias diferentes das dos proletários que, na mesma época – primeiras décadas do século XX –, trabalhavam nas fábricas paulistas. Eram imigrantes europeus, e

seus descendentes, denominados proletários, num jargão sociológico de lutas reivindicatórias por direitos sindicais. Movimentos nascentes fortemente reprimidos pelo varguismo após a Revolução de 1930 e a eclosão do Estado Novo (1937-1945). Este implantou um sindicalismo oficial, cujo paradigma era o Estado assistencialista, do qual Piquete foi tributário e herdeiro. Os operários da Fábrica Presidente Vargas somente registraram ações reivindicatórias no final do século XX.

Se comparássemos nossas fotos piquetenses com as paulistas da época, notaríamos o forte conteúdo dos contrastes. É o que nos podem revelar as imagens em seus conceitos. A propósito, nos estenderíamos com muitos exemplos. Tema para outras considerações. Ficaremos por aqui, por enquanto.

Dóli de Castro Ferreira

As fotos que ilustram este texto foram extraídas do álbum da família de Francisco Máximo Ferreira (Chiquinho Máximo).



nhecem e cultivam o que, de maneira facilitada pela expressão comum, constitui a identidade. Palavra usada para veicular várias acepções. Polissêmica, a expressão identidade possui vários significados, muitas vezes paradoxais.

Afinal, o olho na imagem é sempre uma revelação. É o registro de um conteúdo que carrega tempo, situações, histórias de vida e eventos.

O elemento individual, coletivo ou paisagístico, flagrado instantaneamente, não retorna igual, como não se atravessa a mesma corrente de água em tempos consecutivos. Na imagem, no registro dinâmico de que é portadora, a História se revela episódica – demonstra-se pelo contexto de uma época e sua ideologia. Mas é preciso saber decodificá-la. Nas concepções imagéticas da figura humana representada, demonstra-se iconograficamente a expressão dos rostos, dos olhares, das posturas, ou seja, a linguagem dos corpos e as roupas. São mensagens contidas nesses elementos, reveladores de um ou uma protagonista inseridos no seu tempo e na sociedade. Assim, por exemplo, nas fotografias do século XIX, feitas por apenas profissionais da arte, o cenário é armado. As roupas formais são baseadas no figurino das modas européias transplantadas para os trópicos. As pessoas apresentam-se em posturas e trajes para ser vistas como membros da elite. É comum notar-se que os homens, sentados isoladamente, têm uma estaca às costas (não visível), para mantê-los eretos e bem postos. Em grupos, homens e mulheres, sentados ou em pé, mantêm um gestual repetido como normas observadas em imagens congêneres. Parecem obedecer a um padrão. Cada fotografia, como cópia de outras, exhibe pessoas em posturas e trajes convencionais, cabelos bem penteados e severa elegância. As fotografias modernas atuais delas se diferenciam pelo caráter instantâneo dos gestos colhidos ao acaso, nas informalidades.

Por sua vez, a observação de trabalhadores em ação fixa nas imagens o contexto e a política das relações empresariais.

Por exemplo, é didática a amostra no



Valorar para Emular

Abigail Lea da Silva

Disseminação por inveja foi a expressão ao mesmo tempo inteligente e pitoresca usada por um funcionário da competente extensão rural do estado de Santa Catarina para explicar os bons resultados da sua atuação: o homem do campo olha por cima da cerca do vizinho, percebe as melhorias e quer melhorar também.

Há pouco assistimos à quase fúria com que as cidades brasileiras disputaram um lugar ao sol na Copa de 14.

Aí perguntamos: que importância dão essas mesmas cidades às suas equipes de futebol? Os magníficos estádios que serão construídos, no mais das vezes, com verbas federais vão servir para quê depois da Copa?

Recordemos os jogos olímpicos de Pequim. O magnífico espetáculo da abertura, o Ninho de Pássaro e o Cubo d'Água perderiam boa parte de seu valor não fosse

a liderança da China no quadro de medalhas.

Será que vamos colocar concreto sobre concreto para depois vermos os melhores jogadores do mundo perderem o último jogo fragilizados pela fricção psicológica dos nervos de aço dos adversários argentinos ou que tais? Ou vamos novamente demitir o técnico e xingar, mas manter a monarquia absolutista da cartolagem?

São Paulo tem o dever de começar a mudar o panorama esportivo do país. A Secretaria que supervisiona as atividades ligadas ao esporte tem de exigir a extensão esportiva das faculdades de educação física.

E garimpar as cidades que não faltaram à sua responsabilidade e deram ao estado e ao país grandes atletas. São estas que devem receber apoio. Não as que têm deputados mais atuantes.

Todos os paulistas sabem que Poti-rendaba é a cidade da Hortência, que

Ituverava é a do Gustavo Borges.

Quem já se esqueceu das equipes de basquete de São José dos Campos, Franca e Piracicaba? Quem não vibra com o vôlei de Osasco?

Alguém desconhece que Pelé foi de Bauru para Santos? E que a arte dos irmãos Sócrates e Raí brotou em Ribeirão Preto?

São as cidades de Tetsuo Okamoto, Ricardo Prado, Tiago Camilo, Fabiana Murer, César Cielo e outros grandes atletas que merecem receber centros esportivos para fazer a diferença quando o Brasil sediar os jogos olímpicos.

Estes centros poderão alojar e treinar todos os atletas que se encontrarem no nível esperado para as competições internacionais.

Depois – quem sabe? – a inveja pode disseminar a idéia!

O Folclore segundo Carlos Vieira Soares

Entende-se por folclore o conjunto de crenças, lendas, festas, superstições, artes e costumes de um povo. Tal conjunto normalmente é passado de geração a geração por meio dos ensinamentos e da participação real nos festejos e costumes. De origem inglesa, o folclore é uma palavra originada pela junção das palavras “folk”, que significa povo, e “lore”, que significa sabedoria popular. Formou-se, então, a palavra folclore, que quer dizer sabedoria do povo.

O folclore assume grande importância na história de todos os povos, pois, por meio desse conjunto pode-se conhecer a antiga cultura dos mesmos e a formação da cultura presente nos dias de hoje. Dentre as características que possui, é possível identificar os fatos folclóricos a partir do anonimato, já que todos seus componentes são de autoria desconhecida; da aceitação coletiva, já que cada pessoa absorve a essência folclórica e a repassa aos outros a partir de seu entendimento próprio; e da transmissão oral, já que antigamente não havia meios de comunicação como na atualidade. Para manter vivo o folclore de cada região, existem datas específicas para a realização dos festejos e artes. Em cada comunidade, uma ou outra pessoa sensível

à importância de suas tradições, a grande maioria das vezes sem nenhum apoio oficial, vieram e vêm trabalhando para a preservação do folclore. A exemplo de outras cidades, em Piquete não foi diferente. Aqui

Foto arquivo Pró-Memória



um homem se destacou como exemplo de cidadão: ao longo de sua vida, Carlos Vieira Soares foi o guardião de nossas mais caras tradições. Além da história do município, preocupou-se com a cultura popular e a dinâmica dos tempos modernos que, muitas vezes, em detrimento do novo ou do que ele representa, dá as costas para nossas raízes. Ele, ao contrário, tornou-se “garimpeiro no rio do tempo, procurou sempre descobrir o filão de riquezas oculto na alma do povo e sondar-lhe o mistério e o encantamento”. Isso o levou a resgatar e guardar número

infinito de “coisas de nosso passado”. Sem medir esforços, foi juntando um “monte de quinquilharias” e nos presenteou, nos anos 80, doando seu acervo à municipalidade, o que resultou na criação do Museu Municipal. Até pouco, lá estavam guardados, além de documentos, fotos e itens de valor histórico; num outro setor, objetos da cultura popular. Para Carlos Vieira Soares, “Folclore é coisa bem mais simples: é aquela chaleira de ágata, velha e amassada, guardada no rancho do quintal, é um pião de brejaúva, uma piorra de cabaça ou um castiçal de lata. É uma caçamba de metal (estribo de cilhão) ou o próprio cilhão. É uma escarradeira de porcelana, um tinteiro de louça, uma buzina de caçador, um pito de barro deixado entre as bugigangas da vovó falecida. É um gramofone, uma vitrola de corda, uma viola de braço quebrado ou uma campainha de bronze. Pode ser também a brincadeira de roda das crianças de outrora, o pulo da carniça, o jogo do pinhão ou uma imensidade de coisas que nos falam do passado (...)”.

Em 1992, Carlos Vieira Soares nos presenteou com o livreto “Folclore de Piquete”, em que registrou muito de nossas tradições. Vale a pena relê-lo.



Foto arquivo Pró-Memória



Foto Idelmo Reis



Foto arquivo Pró-Memória

Crônicas Pitorescas

Financiamentos alienados...

Palmyro Masiero

Estava em uma financiadora esperando ser atendido quando observei um senhor tímido, com as mãos entre as pernas, sentado em frente a um funcionário da casa, com aquela cara que ninguém consegue esconder quando vai pedir dinheiro emprestado (assim como deveria estar a minha...), respondendo, ao que parecia, a milhares de perguntas que o outro fazia. Quem ainda não fez rogativa de financiamento não tem a menor idéia do quanto eles querem saber da vida da gente! Tem coisas que a gente mesmo ignora... nem sabe que sabe! Mas voltemos ao nosso investigado que, sentado na cadeira, mais parecia um delinquente sendo interrogado:

– Tem casa própria?

– Não, senhor – respondeu com voz sumida, como que querendo pedir desculpas. E logo em seguida justificava: – Sabe como é... Moro há muitos anos numa mesma casa, aluguei ainda barato... O senhor sabe... Nem compensa comprar uma.

Indiferente à explicação, o homem do outro lado lançou-lhe:

– Tem algum bem?

– Bem, isto é, bem, bem, como casa, terreno, não... Mas tenho um irmão que é militar, mora no Rio, tem um apartamento lá...

Na ficha do especulador, as alegações eram registradas apenas com um “X” como resposta em determinados quadradinhos.

– Tem carro?

O suplicante desta vez olhou de lado e, com segurança e orgulho na voz, respondeu:

– Tenho! Um fusca!

– Alienado? – Deu o troco o interpelante.

– Não entendi o que o senhor perguntou...

– Perguntei se o carro é alienado.

– Não... Isto é, não notei nada de diferente nele, não... Anda direitinho, não mostrou nenhum sinal mais característico que o denunciasse a não ser coisinhas corriqueiras que acontecem com todos...

– Mas do que é que o senhor está falando?

– Ora... O senhor não perguntou do carro?

– Somente se era alienado!

– Pois é justamente o que estou tentando explicar. Ele teve um pequeno problema com as velas, mas foi logo resolvido. Imagine o senhor mesmo: viro a direção para a direita,

ele vira para a direita; viro para a esquerda, ele obedece... Acelero, ele anda... Piso no freio, ele para. Não distingi ainda nada de diferente nele...

– Eu acho que o senhor não está entendendo!

O homem interrogado, nervoso, já estava levantando a voz.

– Estou entendendo muito bem! Ou o senhor pensa que porque eu sou um simples pedreiro, sou algum burro? Já lhe disse que tudo no carro é normal, que não tem parafuso a mais ou a menos e nem sequer parafuso solto!

Levantando-se de sua cadeira e elevando a voz, o distinto da financeira gritou:

– O senhor está gozando com a minha cara?

Igualmente levantando-se, o pedreiro, vermelho, um tanto histérico, encarou o homem da frente e, dedo em riste, retrucou-lhe:

– O senhor, sim, está me fazendo de palhaço!

A essa altura, todos os presentes estavam voltados para a dupla polêmica. O gerente, ou o que seja, aproximou-se da zona tórrida e, mesuradamente:

– O que é que está acontecendo, meu senhor?

Mas o solicitante tinha perdido o controle por completo:

– É este palhaço, chamando meu carro de maluco, evenenado, lelê... Mas eu já sabia! Este negócio de financiadora é só golpe sujo mesmo! Propaganda pra lá e pra cá, facilidades de todos os tipos... Venha agora o coitado de um pobre fazer um empréstimo pra ver o que acontece! É desaforo que leva! O pobre diabo não pode ter um carrozinho que já é motivo de zombaria de um barbudinho engravatado! Por que ele não vem dizer essas coisas lá fora, cara a cara?

– Calma, meu senhor, tudo talvez seja um mal-entendido – ponderava o talvez gerente.

– Que calma, que nada... Enfiem seu dinheiro onde quiserem...

E, saindo enfurecido, da porta ainda gritou para o interior:

– Vocês, sim, é que são uns doidos, uns loucos, uns dementes, uns alienados!

Um tiquinho de saudade

Edival da Silva Castro

Nos meus tempos de criança, havia tempo para as brincadeiras. Nas férias de julho, por ser de clima frio, as brincadeiras eram mais quentes, e as de verão, sossegadas, acomodadas e até refrescantes.

O coreto existente no jardim da Avenida Gomes Carneiro foi palco de muita diversão. Brincadeiras que faziam as crianças felizes – de passarem momentos inesquecíveis.

Lá, as meninas brincavam de amarelinha, de roda e de passar anel. Os meninos jogavam caxangá. Cada um deles trazia uma caixa-de-fósforos para o desenrolar da brincadeira. Juntavam uns dez para o jogo.

Em círculo, todos se sentavam no chão e começava a jogada com a música cantada normalmente. Na segunda vez, a letra era substituída por lálá lálálá... e, por último, as crianças faziam os movimentos da brincadeira, porém, sem cantar a música. Saía quem errasse algum movimento.

“Escravos de Jó jogavam caxangá

Tira, põe, deixa ficar...

Guerreiros com guerreiros fazem zigue-zigue-zá,

Guerreiros com guerreiros fazem zigue-zigue-zá.”

As caixas-de-fósforo, ao baterem no chão, davam harmonia à brincadeira. Quem errasse o tempo certo em pegar ou passar a caixa caía fora. O último que ficasse era o campeão do caxangá.

A diversão ia longe. Às vezes, alguém da família chamava a criança. Aí era um sacrifício danado tirá-la dali. A atenção voltada para o vaivém das caixinhas deixava-a sem piscar; sair, então, nem pensar...

Havia serenidade nas crianças. Jamais houve uma briga ou troca de farpas. Talvez fosse culpa do tempo – daquele tempo em que todos eram felizes... e o sabiam.



Acesse, leia e divulgue o Informativo da FCR

“O ESTAFETA”

www.fundacaochristianorosa.cjb.net



A Fundação Christiano Rosa saúda a comunidade Metodista de Piquete no 80º aniversário de sua fundação, comemorado a 29 de agosto deste ano.

É proibido fumar

Na sexta feira, 7 de agosto, entrou em vigor em todo o estado de São Paulo a chamada Lei Antifumo, que proíbe o uso de cigarro e derivados de tabaco em áreas fechadas de uso coletivo, como bares, restaurantes, casas noturnas, escolas, ambiente de trabalho, lojas, repartições públicas e táxis.

O fumante não será punido, mas pode ser obrigado a deixar o local. A multa fica para o proprietário do estabelecimento e, no caso de reincidência, terá o alvará suspenso por 48 horas. Se a interdição se repetir, passará a ser de 1 mês.

A lei acaba com os fumódromos em estabelecimentos comerciais e ambientes de trabalho. De acordo com o governo do Estado, a lei não prevê áreas exclusivas para fumantes porque elas não impedem a circulação da fumaça e, com isso, as pessoas continuam expostas ao males do cigarro.

Essa lei agradou aos paulistas como têm mostrado as pesquisas feitas por órgãos especializados poucas semanas após sua implantação, não só na capital, como no interior.

A restrição, segundo pesquisas, agradou até mesmo aos próprios fumantes, que agora precisam sair de bares e restaurantes para fumar na calçada ou outros locais ao ar livre. Aos poucos, a população vai se conscientizando sobre os males do cigarro. A lei está sendo cumprida porque foi aprovada pela população. Existe fiscalização para coibir os eventuais casos de desrespeito à lei, mas, com o engajamento de toda sociedade, haverá mudanças de hábito. Espera-se com isto, melhoria na saúde e qualidade de vida da população. O tabagismo é o responsável por inúmeros problemas de saúde. Com o cumprimento dessa lei, todos lucram.

Memorial da Usina



Edifício Copan



Qual o custo do prazer?

Aproveitando um final de semana, fui caminhar pela cidade de São Paulo. Para chegar à capital, tomei um trem em Mogi das Cruzes que vai até a Estação da Luz. Comecei o dia com uma visita à Pinacoteca. Tive a oportunidade de apreciar a exposição de fotografias em preto-e-branco em cartaz. Reví, ainda, obras da coleção permanente, como esculturas de Rodin, telas de Portinari, Benedito Calixto, dos Pedros Américo e Weingärtner... Sentei-me para um café e uma torta... Fiquei “mais de hora” lendo e aproveitando o lanche para curtir o verde do Parque da Luz e o ambiente agradável.

Saindo de lá, voltei à Estação da Luz, agora para apreciar a arquitetura. Encontrei um piano no salão da entrada, que podia ser tocado pelos “viajantes”. Um grupo considerável apreciava o “músico” do momento. Fotografei e fui em frente... Passei, então, por vários prédios antigos do “centro velho” e saquei mais fotos... O último “modelo” foi o “Copan”, um dos cartões-postais da capital paulista. Cheguei à Paulista... Lá, avalei o contraste entre os prédios modernos e os que tinha acabado de fotografar. Parei no vão-livre MASP...

Foi-me um delicioso sábado. Quanto me custou? Considerando-se o café com torta e os tickets de trem e metrô, menos de quinze reais. O retorno desse investimento? Não tem valor...

Quem mora na capital paulista tem muitas oportunidades para se divertir, para aprender. E a custo muito baixo: aos domingos, o Theatro Municipal tem espetáculos gratuitos, a Sala São Paulo apresentações por R\$5,00...

Impressionou-me, porém, ao desembarcar na Luz, sempre lotada, a saída para a Pinacoteca. Fiquei esperando alguém tomar aquela direção. Ninguém! Em 5min marcados

no relógio, nenhuma outra pessoa procurou aquele programa.

Em Piquete, temos locais lindos para uma caminhada, diversos prédios para serem fotografados, o Memorial da Usina Rodrigues Alves para ser visitado... O Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa” está sempre com uma exposição em cartaz.... Tudo a custo zero. Quantos piquetenses conhecem e reconhecem a beleza desses locais?

Fico me perguntando por que a procura por cultura é tão pequena. Faltam oportunidades para nossa população? Ou falta interesse? Não se pode comparar as opções disponíveis em São Paulo com as de Piquete. Mas, proporcionalmente, a resposta é a mesma: lugares pouco visitados e, conseqüentemente, “beleza desperdiçada”. Sim... Porque em tudo que citei há beleza: paisagens, esculturas, telas, arquiteturas de décadas passadas e contemporânea... Perdem-se, portanto, oportunidades de se deixar de lado o ócio e a poltrona em frente à TV.

Convido-os, meus amigos, a saírem de casa. Procurem a beleza disponível em Piquete. Quem puder, que vá até os arredores da cidade; há passeios agradáveis como o casario antigo do centro de Lorena, paisagens belíssimas na estrada para Cruzeiro... Nem é preciso citar a caminhada ao Pico dos Marins ou até ao bairro de mesmo nome... Quem puder ir mais longe que vá. Viajar é aprender. Não se esqueça de um livro, ele é ótimo companheiro para as esperas ou o repouso... A máxima “ler é viajar sem sair do lugar” é perfeita. Unir viagem com leitura é melhor ainda... A recompensa é uma agradável sensação de prazer. Tenham certeza de que vale a pena!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

The dark side of the moon

O lado escuro da lua

Voltados para o lado visível da lua, oposto ao obscuro do qual estamos sempre afastados, só vemos um lado dela que é sempre o mesmo. O qual nos opõe o outro, que é, sempre, também o mesmo. A razão é a diferença nos tempos dos movimentos proposta pela inclinação angular, combinada ao sol a gerar fases, cosmogonicamente justificando ações humanas. Como os demais seres vivos, os humanos delas sofrem influências ditas lunares e tecem explicações. Uma delas é a variação ciclo-tímica que se convencionou atribuir mais ao universo feminino. E se a lua é decantada como musa ou deusa, cabe-lhe, pela influência noturna, uma função emocional travestida em brilho ou palidez. Reflexo que impele à euforia ou à angústia, e que faz dos

humanos objeto e sujeito, sob o brilho que não é seu. Apenas refletido. Assim pensam os que a ela atribuem razões determinantes. Para os angustiados e depressivos, o lado obscuro, face dos mares secos limitados por depressões profundas também secas, ambiente lunar prevalente para toda a lua vista de perto, o incógnito, o tenebroso, o indecifrável, o misterioso...

Imóvel na poltrona acolchoada da casa de repouso, ela mergulhava na indecifrada face obscura, a pronunciar fragmentos de fala chegada das profundezas da alma. Retalhos da memória que sedimentara como o pó que recobre a superfície lunar, convertida em cinzas. Como o pó da reversão humana, do que foi composto e decomposto. Pó lunar, sem água. Formações

rochosas fragmentadas sob que impactos? O rosto delicado, os olhos semicerrados sem verter lágrimas, já sem substância lacrimosa, mergulhados na aridez dos mares secos nominados e inominados, na complacência do desconhecido e do irreconhecido. Rodeada de outros, conscientes, em atitude digna, ou inconscientes, mergulhados no olor do sofrimento e no caldo das medicações experimentais. A dor humana extrapolada na fragilidade de corpos reconhecidos como tais, nominados nas identidades, inominados na indistinção da mistura turva que os fragmentos compõem – expõem como testemunhos.

Quase virtuais na pátina do tempo.

Cada um em si, único e irrepetível.

Dóli de Castro Ferreira

Fotos arquivo Pró-Memória



Seminário “Educação e Meio Ambiente”

A Fundação Christiano Rosa cumpriu mais uma etapa do projeto “Programa de Educação Ambiental – Encontros Técnicos e Seminários de Atualização”: entre os dias 17 e 19 de agosto, na cidade de São Luiz do Piratininga, realizou o seminário “Educação e Meio Ambiente”.

O evento foi prestigiado pela Prefeita, a Presidente da Câmara Municipal e a Secretária de Educação daquele município. Contou, também, com a participação de professores da rede de educação municipal e das cidades vizinhas do Vale do Paraíba, totalizando, aproximadamente, cento e cinquenta educadores. Também compareceram o presidente da Fundação Christiano Rosa, Paulo Noia de Miranda, administrador e ambientalista, e a presidente de seu Conselho Curador, arquiteta Teca Gouvêa.

Da programação constaram várias palestras e oficinas, realizadas na agradável Pousada Primavera e nas dependências de uma escola municipal, que permitiram aos participantes conhecer melhor vários conceitos relacionados à Educação e Meio Ambiente e formas de aplicá-los na educação de crianças e jovens.

Na abertura, a prefeita de São Luiz do Paraitinga, professora Ana Lúcia Bilarde Sicherle, discorreu sobre o tema do seminário, “Educação e Meio Ambiente”, e foram apresentadas as palestras: “Sociedade e Recursos Hídricos”, pelo represen-

tante da Secretaria Executiva do Comitê das Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul (CBH-PS), Edilson de Paula Andrade; “Indicações Metodológicas”, pela pedagoga e professora Beth Cursino; “Água”, pelo engenheiro Breno do Amaral Gurgel, da SABESP; “Lixo e Meio Ambiente”, pela professora Dra. Marta Leite da Silva; “Sensibilização/Vivências”, pela Sra. Maria das Mercês, catadora de lixo do projeto “Amigos do Lixo”, de Guaratinguetá; e “Fauna” e “Flora”, pela bióloga Diana Damasceno Valeriano. Durante os blocos de trabalhos do Seminário foram aplicados vitalizadores, coordenados pela psicóloga Fátima Junqueira.

Foi conduzida, ainda, a oficina “Roda de Prosa: O que sei fazer e como faço”, sob o tema “Troca de Potencialidades e Construção de Ajudas nas Restrições”. Essa oficina foi coordenada pela pedagoga e professora Beth Cursino, assessorada por outras quatro pedagogas.

No último dia, sob o tema “Construindo o saber e adequação à realidade” foi conduzida pelo engenheiro florestal Renato Lorza a oficina “Percepção ambiental e correlação do conhecimento”.

Encerrando o Seminário, a professora Elizabeth Cursino apresentou “Roda do conhecimento – Como melhorar o que sei?” e coordenou, juntamente com as demais pedagogas, o fechamento do evento, com a oficina “Recomendações metodológicas”.



Pai nosso que estais nos céus

Pe. Fabrício Beckmann

Dizer que Deus é Pai nosso e que está nos céus é muito comum para nós nos dias de hoje. Mas quando Jesus ensinou aos seus discípulos a orarem assim, causou muita surpresa e rupturas, revelando um jeito novo de cultuar a Deus e de se relacionar com Ele. De modo mais corriqueiro, um homem judeu da Palestina, no tempo de Jesus, oraria: “Deus de Israel, que morais em Jerusalém, no templo” (cf Ed 7,15). Ensinando a chamar Deus de Pai, Jesus quer que seus discípulos se sintam próximos d’Ele, e dizendo que é Pai nosso, quer que aprendam que, filhos do mesmo Pai, devem ser irmãos. A afirmação “que estais nos céus” rompe com a idéia de um Deus preso em um lugar específico, o templo de Jerusalém ou qualquer outro. Deus está nos céus, isto é, em qualquer lugar onde a vida aconteça, não apenas nos lugares sacralizados; basta ter fé para sentir sua presença. Por isso, logo no início, o Cristianismo se independeu do culto praticado no templo, dos sacrifícios e holocaustos em honra de Deus. No Capítulo 12 do evangelho de Mateus, Jesus repreende aos fariseus dizendo: é a misericórdia que eu quero e não o sacrifício. No mesmo evangelho, no capítulo 25, Jesus comunica, por meio de uma parábola, como deve ser o culto cristão, em contraposição ao culto sacrificial do templo: “Tive fome e me deste de comer; tive sede e me deste de beber; eu era estrangeiro e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; doente, e me visitastes; na prisão, e viestes a mim”. E à pergunta dos justos, quando foi que te servimos?, responde o rei na parábola: “Em verdade, eu vos declaro: todas as vezes que o fizestes a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes”. Quem quiser se encontrar com Deus, servi-lo, amá-lo realmente, não deve mais oferecer seus sacrifícios expiatórios no templo, mas praticar a misericórdia na vida, servindo a Deus nos mais pequeninos. A partir de Jesus, este é o culto que mais agrada a Deus.

Muitos cristãos de nosso tempo ainda possuem a idéia de que para nos encontrarmos com Deus precisamos peregrinar por locais sagrados, visitar santuários importantes, percorrer longas distâncias. É verdade que existem lugares que são historicamente marcantes para a fé cristã e que guardam a memória de fatos importantes da ação de Deus em nosso meio, mas nada me tira da cabeça que o mais profundo encontro com Deus se dá no encontro com os pequenos, com os humilhados, com os sobrados da humanidade.

Certa vez, disse o Cardeal Lorscheider, quando tive a graça de ser seu aluno: “Deus não habita as alturas; quem quiser alcançá-lo deve fazer o que Jesus fez: rebaixar-se até aos últimos, até aos menores. Lá habita Deus.”